

A aventura: Uma filosofia

The adventure: A philosophy

Prof. Dr. José Manuel Heleno

Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica de Lisboa – CEFIL¹

RESUMO

A aventura permite-nos pensar a noção de acontecimento, de acaso ou de destino. É ela que pode ajudar-nos a refazer certas noções filosóficas, como as de intensidade ou verdade. O maior paradoxo da aventura é essa intensidade cujo fundamento (se existir) é difícil de descortinar. Mais do que revelar o acontecimento é a aventura que o molda e faz dele um promontório na superfície da alma. Assim, mais do que refletir sobre uma filosofia da aventura, o importante seria partir da noção de aventura e de conceitos concomitantes para a (possível) criação de conceitos filosóficos.

99

PALAVRAS-CHAVE

Aventura; acontecimento; intensidade; risco

ABSTRACT

Adventure allows us to think about the notion of event, chance or fate. It can help us to rebuild certain philosophical notions, such as those of intensity or truth. The greatest paradox of the adventure is that intensity whose foundation (if any) is difficult to discover. More than revealing the event, it is the adventure that shapes it and makes it a promontory on the surface of the soul. Thus, more than reflecting on a philosophy of adventure, the important thing would be to start from the notion of adventure and concomitant concepts for the (possible) creation of philosophical concepts.

KEYWORDS

Adventure; event; intensity; risk

¹ E-mail: jmmheleno@gmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2272-1987>

1

Como é possível alguém acreditar que não é aventureiro e escrever sobre a aventura? Responder a esta questão pressupõe uma noção prévia de aventura, ou seja, o risco, a paixão pelo nomadismo, a necessidade de enfrentar o desconhecido ou não temer o inesperado. Se esta é a noção que se tem de aventura, aqueles, como nós, que se predispõem a escrever sobre ela deveriam, em princípio, enquadrar-se em tal descrição. Se tal não sucede é porque se acredita que também a aventura de ideias consegue estimular a compreensão do tema.

Se a aventura é uma forma de se lançar sobre o mundo e perder-se nele, é inevitável desconfiar-se se este risco é sentido como tal para um aventureiro. Significa isto que ele pode não ter a noção de risco, confiante no que o futuro lhe reservará e, sem temer a sombra do fracasso ou da morte, age como se de uma necessidade se tratasse. Pensemos na forma como D. Quixote age e os olhares que os outros têm sobre ele, pois a incredulidade que se tem do cavaleiro andante é rapidamente modificada quando se considera que se trata de um louco.

Gilles Deleuze dizia que o pensador é um paciente, ou seja, o que ele pensa obedece a um encontro que acaba por provocar sofrimento. Há qualquer coisa que vem ao encontro do pensador e obriga-o a deter-se. Ele pode até sofrer por não conseguir deixar de pensar aquilo que o obriga a fazê-lo. É preciso, diz Deleuze, que qualquer coisa “force o pensamento”. Ora, uma aventura não tem “passado” e, por isso, uma resposta que a anteceda. O aventureiro quer começar como se fosse pela primeira vez – e diferentes aventuras respondem ao mesmo desiderato. Ao romper com o curso dos acontecimentos, ele inicia qualquer coisa desconhecida e imprevisível, pois as grandes aventuras são sem rede – sem um suporte espiritual que permita dar uma resposta. Desejar uma aventura é querer enfrentar aquilo que não se conhece e que se aceita com essa ingenuidade. Mesmo que, posteriormente, a aventura acabe por ficar encurralada numa narrativa, essa atitude mostra que alguma coisa vale a pena ser relatada. Mais: uma aventura não se esgota em quem a vive mas sim porque qualquer um o poderia (e deveria) fazer. Merece, por isso, ser dada a conhecer. E compete às intrigas dar-lhe um suplemento de força, mostrando assim o poder da linguagem.

Não há, por conseguinte, aventura sem acontecimento. Melhor: só há porque alguma coisa acontece ou pode acontecer. Tal como os acontecimentos podem ser definidos como uma espécie de aventura na longa cadeia dos seres. Neste sentido, um acontecimento é a aventura de um ou vários seres, entendidos como indivíduos, não necessariamente humanos. O fato de os conceitos remeterem um para o outro justifica-se se pensarmos na etimologia da palavra aventura. Vem de *adventura* (forma feminina), *adventurum*, “o que deve acontecer”, particípio futuro do verbo “ocorrer, produzir” e, para um humano, “chegar a um lugar”.

Se a aventura é querer dar um sentido (a aventura das ideias parece justificá-lo) nem sempre assim sucede. É precisamente porque há perda de sentido – ao sermos engolidos por uma espécie de vórtice – que a aventura é caótica e multifacetada, de

tal forma que parece trocar de todos aqueles que a querem compreender. Aventuramo-nos a dar um sentido mas só o fazemos porque alguma coisa deixou de ter o sentido que costumava ter.

Poderia até dizer-se que toda a metafísica é uma aventura – o que é bastante diferente do que dizer que toda a aventura é metafísica (e se o disséssemos não seria necessariamente um erro). A metafísica é uma aventura no sentido que Georg Simmel lhe poderia dar, como se qualquer acontecimento fosse visto *sub specie aeternitatis*. Neste sentido ambíguo, vago porque vasto, há uma verdade, precisamente a verdade que se dá no todo, como diria Hegel. É que por mais insignificante que pareça um acontecimento, ao ser visto em totalidade, adquire uma feição aventureira. A vida, a vida toda, é então uma aventura, pois é essa unidade que qualquer um pode dar à sua vida que faz dela uma aventura.

Émile Bréhier, no seu livro sobre os incorporais no antigo estoicismo, defende que estes foram dos primeiros a “pensar” o que se entende hoje por “acontecimento”. “Conceito bastardo que não é nem o de um ser, nem uma das suas propriedades, mas aquilo que é dito ou afirmado do ser”. (BRÉHIER, 1928, p. 80) Ora, é isso que é incorporal. Longe de pensarem na causa como incorporal (como Platão ou Aristóteles, para os estoicos, é o efeito que mostra o que há de incorporal nos entes.

2

Aparentemente, uma forma de compreender a aventura é assinalar a intensidade subjacente. O aventureiro vive intensamente as situações. Aliás, reconhece-se a aventura devido a essa intensidade. Tristan Garcia (2016) foi um dos filósofos que pensou e escreveu uma filosofia da intensidade. Foi ele que chamou a atenção para a intensificação do mundo, da vida, como se se tratasse da grande ideia da modernidade. Se estamos fascinados pela intensidade, por essa necessidade de viver a fundo, nós e aqueles que nos rodeiam e que se tornam por isso espetáculo, somos convidados a sentir a e viver intensamente. Este viver a fundo manifesta-se até em ideias caras à modernidade. Aliás, quanto mais intenso mais cresce o sentimento de se ser um indivíduo um si-mesmo.

Compreende-se, assim, que o aventureiro tanto possa ser tido como um louco ou como um génio, pois a intensidade que imprime às suas vivências faz dele um ou outro. Ao jogar com o destino, parece não temer o acaso e a imprevisibilidade. As figuras do trabalho, do quotidiano, são formas de cansaço que o aborrecem. Até a própria criança, ao brincar, quer dar uma intensidade à sua vida. Como é triste e como são irreparáveis os danos se uma criança não brincar – sem aventura, é a própria vida que deixa de o ser. No entanto, é interessante a forma como se finge a aventura - Simmel (2019), por exemplo, não o referiu, dando-lhe sistematicamente um tom sério. Mas esse fingir-se aventureiro; esse sentir e “viver” o papel de aventureiro é essencial se quisermos compreender o mundo das crianças e também

tudo o que relaciona arte e aventura. Livros e filmes de aventuras são ficções que engrandecem o cotidiano de homens cansados e cinzentos, esquecidos das crianças que foram.

Tudo indica que nos tempos em que vivemos trocamos a transcendência por uma imanência vivida em regime de intensidade. Daí os programas de aventuras: as viagens, as escapadelas, a intensidade de milhares de experiências que são promessas de felicidade, ou seja, de aventura. O homem que não conhece ou não quer tal regime de intensidade não possui qualquer valia. Se não se entrega totalmente a uma ideia ou valor; a um desporto ou até a um vício, passa despercebido. É preciso que falem dele devido à forma de ser intenso que escolheu; o que fez ou pensou, ou até a indiferença persistente por nada ter feito, por exemplo. Poderá a aventura ser pensada fora deste padrão?

Sem dúvida que a aventura tem uma história. Tem, aliás, os seus historiadores, como Sylvain Venayre (2002), e os seus filósofos, como Simmel e Jankélevitch, por exemplo. Tudo indica, portanto, que a palavra “aventura” nasça por volta do século XII, embora se perca no tempo a sua associação a sentimentos e desejos, a narrativas que acompanham a odisséia de toda a humanidade. É certo que os romances acabaram por glorificar a “aventura geográfica”, expressão de Malraux citada por Sylvain Venayre em “La belle époque de l’aventure (1890-1920)”. Para este historiador o êxito de certos romances deve-se ao modelo de aventura que propõe – pretexto, aliás, para que se retome a distinção, já efetuada por Jankélevitch, entre o aventureiro (*aventureux*) e o aventureiro (*aventurier*). Para o aventureiro a aventura é um estilo de vida, heroico à sua maneira, enquanto para o aventureiro é apenas um meio para alcançar um fim (um lucro, um prazer, etc.). Quando a aventura adquiriu o estatuto de valer por si, ou seja, quando aquele que a vive encontra nela a sua própria justificação, adquire então uma dignidade heroica. Contudo, é bom não esquecer aquilo que os historiadores nos ensinam, em particular a forma como os romances propõem e dão a ler a aventura. Por exemplo, é inegável que a aventura esteve associada, em muitos romances, à virilidade. Sylvain Venayre (2002), citando uma investigadora, Jeanne Dusseau, refere que das 563 personagens dos romances de Jules Verne, 442 (cerca de 80%) eram homens, o que é bastante elucidativo em relação ao modelo de virilidade proposto. Também a ideia de que os jovens são ou devem ser aventureiros é habitual, como se a entrada na idade adulta fosse, precisamente, o cessar da aventura que viveram ou poderiam ter vivido.

Aquele que se aventura, ou antes, que se deixa levar pela aventura, é o que se deixa arrastar por algo que escapa a um ritmo habitual. Mesmo que os acontecimentos sejam iguais a quaisquer outros, - como esse homem que se limita a olhar para a sua vida em totalidade - a sensação de extraterritorialidade ou de “outridade” dá um sentido de aventura. Nesse aspeto, ainda mais importante do que os acontecimentos é a forma veemente e diferente com que são sentidos, a ponto de os podermos considerar uma aventura. Parece óbvio afirmar que há acontecimentos que a proporcionam, mas eles nada são se não existir um espírito aventureiro que os molde desse modo. Tudo indica, aliás, como diz Simmel (2019), que a juventude é

adequada à aventura, enquanto a velhice a dispensa. Aliás, a velhice pode até ser definida em função dessa dispensa; da perda, do desejo de não acolher a aventura, de afastar estados tidos como excessivos – e isso, como é fácil de ver, não depende necessariamente da idade. “Juventude” e “velhice” são termos que não têm forçosamente um cunho temporal, antes assinalam estados de espírito, embora Simmel se referisse claramente à idade.

Podemos dizer que há um tempo para a aventura: a adolescência, o jovem adulto. Mas podemos acrescentar que há crianças que têm o gosto de explorar, de arriscar, e que toda a brincadeira é uma forma de se aventurarem. A aventura ganha assim uma amplitude semântica – e houve já, noutra contexto, quem intitulasse um livro de *Aventura semiológica* (Roland Barthes).

Mas se há um tempo propício para a aventura, a verdade é que a própria história pode ser vista a partir dessa perspectiva. Homens e mulheres que se aventuraram em novos territórios, porque o desejaram ou porque são forçados a tanto (como os atuais refugiados); os que se atreveram a conhecer outras vivências e outras ideias; a de seres humanos que, de várias formas, contribuíram para a aventura da humanidade. Posso, por exemplo, ler *Conquistadores. Como Portugal criou o primeiro império global*, o livro de Roger Crowley, como um livro de aventuras. Trata-se, é certo de um livro de história, no qual se relata a aventura de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e tantos outros. Relatos extraordinários, onde se compreende o que foi a aventura marítima dos portugueses e como contribuíram para o primeiro império global. Se se trata de um livro de história, tudo indica que as aventuras não são fictícias, mas que correspondem ao que realmente aconteceu (e o mesmo se poderia dizer do livro de Andrea Wulf intitulado *A invenção da natureza*, que tem como subtítulo *As aventuras de Alexander von Humboldt, o herói esquecido da ciência*).

Há ainda, no entanto, outra relação entre tempo e aventura: a de que o próprio tempo se transforma para aqueles que se aventuram. Não podemos imaginar um tempo monótono ou monocórdico; um tempo de lazer ou um tempo morto cada vez que falamos e sentimos a aventura. O tempo comprime-se, torna-se impetuoso, o futuro mostra um rosto inesperado e o presente é vivido intensamente. A aventura é, justamente, uma experiência diferente (e inesperada) do tempo. Se jamais a vivêssemos jamais saberíamos que tempo é esse, principalmente o tipo de intensidade que o caracteriza.

Compreende-se assim que inúmeras culturas vejam no homem aquele que se movimenta, descobre e explora, condenando a mulher à imobilidade, ao confinamento. À mulher estaria vedado o conhecimento do outro, perigoso e “desnecessário”. Só quando a mulher se lança para o espaço público e se aventura, se redescobre uma nova dimensão da história e uma nova dimensão do feminino. O espaço público começa a ser o lugar de aventuras improváveis, masculinas e femininas. Também aqui há um novo tempo que desponta.

3

Vladimir Jankélévitch (2017) considerava que na aventura existia uma oscilação entre o jogo e o sério. Mas precavia-nos contra o facto de que se existisse um predomínio do jogo, então a aventura deixaria de o ser, antes seria um mero passatempo. Se, em contrapartida, dominasse o sério e o jogo estivesse ausente, então tratar-se-ia de uma tragédia. No seguimento desta “oscilação” entre elementos, Jankélévitch acaba por referir outra: o interior e o exterior. A aventura tanto faz de nós *atores*, como se estivéssemos no *exterior* do acontecimento, como *agentes*, ou seja, alguém que precisa de estar *dentro* do que se vive e encará-lo com a seriedade que merece.

Ao longo da sua reflexão sobre a aventura, Jankélévitch encara com seriedade as oscilações, ou seja, acaba sempre por referir o estado de tensão entre vários polos para que a aventura se possa compreender. Ora, esta tensão leva-nos a refletir que há vivências que, devido à sua densidade, não se podem aligeirar com um conceito, como se fossem suficiente complexas para permitirem tal perspetiva. Por exemplo: sem dúvida que a aventura pressupõe um jogo sério com a morte ou, pelo menos, com o risco. Mas de imediato podemos dizer que não é só a morte que está infiltrada na aventura, a própria vida também o está (exatamente como a aventura não remete apenas para o futuro e para a sua incerteza, mas também para o passado e a imobilidade com que é hábito defini-lo). Se os anjos não têm aventuras é porque, tal como também afirmava Jankélévitch, não têm futuro nem risco de morte e, portanto, a incerteza concomitante.

O que a aventura pode mostrar é que há pelo menos um sentido em que o meio-termo, lugar onde Aristóteles situava a excelência ou virtude, nem sempre é o lugar apropriado para tal. Ou então, que há uma dimensão estética da aventura que é levada pelo excesso e se deixa arrastar por esse vórtice. A relação entre o aventureiro e o jogador mostra essa paixão pelo excesso, ou melhor, a forma como o desregramento se apodera do indivíduo e toma conta dele. Um pouco como uma criança que se “atira” para a estrada e decide fazê-lo sem medir as consequências. Na verdade, nem há tão pouco tempo para medir ou ponderar, antes uma forma cega de atravessar uma rua como se a decisão se impusesse. A forma como a criança se “atira” para o perigo é semelhante ao parentesco que existe entre a aventura e a liberdade, tantas vezes inconsciente e precipitada; tantas vezes irresponsável e inútil. Trata-se de aventura e, por isso, de uma decisão “livre” que pode apanhar o próprio sujeito nas suas malhas. Mas todo o risco e sabor estéticos estão nesses exageros, nessas formas de se projetar para o perigo (como seguir uma atividade ou profissão tidas como inúteis, mas que são sentidas como uma oportunidade para a aventura).

4

A verdade é que a palavra aventura tanto abrange os grandes feitos dos exploradores como as “pequenas aventuras”, insignificantes e despercebidas que

podem ocorrer no quotidiano. No primeiro caso podemos relembrar Zheng He (1371-1433), explorador chinês da dinastia Ming, descendente de famílias pobres e chefe de uma armada que chegou a ter seu cargo a frota “Tesouro”, composta por 317 barcos e 28.000 homens. Foi a este almirante que se atribuiu a primeira grande exploração marítima, do oceano Índico e não só. Diz-se que chegou à Índia, ao mar Vermelho a Moçambique e que foi ele o primeiro grande conhecedor da costa africana e árabe.

Em contraposição a esta grandiosa aventura, a “pequena aventura” do artilheiro Riabóvitch, protagonista do conto “O beijo” de Tchékhov (2011) torna-se risível. Contudo, toda a mestria de Tchékhov manifesta-se nesta história, capaz de nos fazer sentir as pequenas aventuras que qualquer um pode viver. Riabóvitch é um dos oficiais que foi convidado para tomar chá em casa do tenente-coronel e proprietário von Rabbeck. No meio de um ambiente que oscilava entre o festivo e o insincero, eis que Riabóvitch, oficial tímido e vulgar, física e espiritualmente, se perde numa das salas da imponente casa do tenente-coronel. É aí, na escuridão, que uma voz “feminina e ofegante” sussurra “até que enfim!”. Duas mãos afagam-lhe o pescoço e o jovem oficial sente na sua cara uma face tépida e perfumada que lhe dá um beijo furtivo.

A partir desta “pequena aventura” tudo se alterou na vida de Riabóvitch. Não consegue deixar de pensar no beijo e no momento de invulgar felicidade que o proporcionou; acontecimento que se tornava uma aventura maior pelo desconhecimento da sua autora. O certo é que esse beijo acompanhou todos os seus pensamentos nos dias que se seguiram. Mesmo quando tentou relatar a sua pequena aventura a dois dos seus colegas, rapidamente se apercebeu que a história perdia o encanto que tinha aos seus olhos. Era uma história como qualquer outra, insignificante e sem nenhum valor. Riabóvitch acabou por aceitar que a sua aventura não poderia ser compreendida. A ansiedade em ser de novo convidado pelo tenente-coronel e poder assim encontrar a jovem que o beijou, ocupava-lhe os pensamentos. Contudo, é o trabalho do luto que se encarrega de fazer face a essa “cegueira psíquica”. O protagonista começa a perceber que se trata, afinal, de uma história insignificante e que, “à luz clara”, o beijo que tinha sido destinado a outro deveria ser esquecido. E o conto termina com uma reflexão filosófica, como se a “pequena aventura” o propiciasse: “E todo o mundo, toda a vida pareceram a Riabóvitch uma brincadeira incompreensível, sem sentido [...]”. Acabaria por compreender que a pequena aventura, que tinha sido grande, acabaria por se esvanecer.

Se poucos de nós podem ser Zheng He, quase todos têm na sua vida pequenas aventuras que se tornam grandes precisamente pelo modo como as vivemos. A mestria de Tchékhov reside em dizer-nos isso. Não só por nos contar uma história que serve de padrão para a noção de aventura – a aventura amorosa –, mas por nos mostrar o trabalho de luto, quer dizer, a desilusão, a “queda” na realidade e o esquecimento concomitante. Mas o fascínio que as pequenas aventuras exercem sobre nós é inegável. E todos compreendemos que sem elas a vida de pouco valor

teria. Aliás, a vida toda nada mais é do que uma brincadeira – como se a pequena aventura do quotidiano fosse pretexto para a reflexão metafísica do narrador.

Mas há ainda outra filosofia em “O beijo”. É impossível dizer se Riabóvitch recebe o beijo da jovem por acaso ou devido ao destino. Estas palavras, tão diferentes, são agora equivalentes. Compreendemos que deixam de ter sentido, pois a única certeza é a de que estamos a viver uma aventura e que ela perdurará. Dizer que o acaso a proporcionou ou que foi o destino a provocá-la jamais terá qualquer sentido. Contudo, não podemos pensar a aventura, qualquer uma, sem nos socorrermos de palavras como acaso e destino, pois são elas que parecem dar conta daquilo que é essencial em qualquer aventura, ou seja, de que somos nós que a estamos a viver. A intensidade do acontecimento é sentida por nós – e é sempre extraordinário alguém sentir como aventura aquilo que é, para outro, completamente indiferente (e isso também nos ajuda a compreender o registo da memória. Por exemplo: irmãos que têm memórias diferentes dos pais, dos acontecimentos, etc.). Assim, a aventura é precisamente o que impede de distinguir se se trata de acaso ou destino. Qualquer coisa me acontece, *a mim*, e isso é que faz com que o acontecimento seja um acontecimento.

O que o conto de Tchékhov nos ensina é que o beijo teve um sabor a aventura *para* Riabóvitch – outro teria pensado e sentido de outro modo. A vida adquire este sabor porque faz com que certos acontecimentos só possam ser nossos e de mais ninguém. Se a aventura dá a ver o mundo de outro modo é porque nos vemos a nós próprios de outro modo. Somos outros cada vez que nos aventuramos e nos descobrimos como tais. A aventura só pode então ser a verdade, pois revela-nos uma faceta (do mundo e de nós, ou antes, do mundo por causa de nós e de nós por causa do mundo) que é única. O beijo na história de Tchékhov é dado no escuro, por alguém que jamais se conhecerá. A aventura surge desse desconhecimento. Mais: o essencial da aventura é feito numa espécie de escuridão e invisibilidade que se prende à nossa imaginação e nos arrebatava para algures, para outro mundo. Como se um beijo, tão próximo de ser um beijo sonhado, inexistente; tão próximo de ser um quase nada, acabasse por ser tudo. O poder da imaginação sobrepõe-se a qualquer realidade. Daí que aqueles que se aventuram, longe de procurarem alguma coisa, aventurar-se-ão por nada; quer dizer, há sempre um fim sonhado mas jamais alcançado; e se se alcança rapidamente perde o interesse pois mata a aventura (a resposta como, diria Blanchot, é a infelicidade da pergunta). Haverá sempre um caminho e a aventura é sentir esse caminho para... nada. E assim será até à morte. O maior paradoxo da aventura é essa intensidade cujo fundamento (se existir) é difícil de descortinar. Mais do que revelar o acontecimento é a aventura que o molda e faz dele um promontório na superfície da alma.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *L'aventure*, Paris: Rivages poche, 2016.

BRÉHIER, É. *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*. Paris : Vrin, 1928.

- GARCIA, T. *La vie intense. Une obsession moderne*. Paris : Autrement, 2016.
- JANKÉLÉVITCH, V. *L'Aventure, l'ennui, le sérieux, Chapitre I*. Paris : GF-Flammarion, 2017.
- REMIRO, P. R. (ed.). *La aventura. Justo una idea*. La línea del Horizonte Ediciones, 2016.
- SIMMEL, G. *Filosofia da aventura e outros textos*, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.
- TCHÉKHOV, A. *Contos". Volume I*, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2011.
- VENAYRE, S. "La Belle époque de l'aventure (1890-1920)", *Revue d'histoire du XIXe siècle* [En ligne], 24/2002.

Submetido: 5 de junho de 2020

Aceito: 3 de julho de 2020